

## A PINTURA EM REVISTA

O meu exemplar de *O Espelho Imaginário*,<sup>1</sup> de Eduardo Lourenço, carrega uma, escura no branco acetinado da contra capa, mancha que torço para permanecer: um rabisco de óleo e poeira — um enigmático anjo de Klee — motivado pela dedicatória, escrita no capô de um carro, por ocasião do último 1º Encontro Nacional de Culturas de Países de Língua Portuguesa. Entre outros livros por conhecer, foi este que me seduziu, já a partir da perigrafia; saliente-se o «arranjo gráfico» de Armando Alves, a construção da capa a partir de sutis insinuações do autor. No rescaldo do Encontro, a surpresa agradável de um encontro — outro, apesar do atraso de meia década.

A edição apresenta 17 textos, quase todos publicados, entre os quais a breve mas fulgurante consideração de pórtico sobre o abstracionismo («Arte Abstrata: Apocalipse ou Anunciação»).

O subtítulo («Pintura anti-pintura não pintura») encarece não apenas o corpus do material como também a síntese telegráfica das reflexões consubstanciadas ao longo de 23 anos. Sente-se mesmo uma pejada maturação do tema em visita por parte do autor, abolindo a mínima suspeita de um interesse bissexto daquele que, cá entre nós, se identifica antes de mais nada como pesquisador da obra de Fernando Pessoa. Uma lucidez esmagadora, um elipse intencional na linguagem, tendente ao registro lírico e filosófico. Enriquecem o volume as reproduções de estampas dos pintores ou dos temas

analizados numa montagem que foge deliberadamente às intenções didáticas, embora se possa lamentar a dessacralização excessiva do paradigma — a ausência total de cores.

Eduardo Lourenço passa em revista (o clichê é proposital) os maiores nomes da pintura moderna, sem esconder a predileção por Picasso — o «Nietzche da Pintura moderna», Klee, Vieira da Silva, Delaunay, Noronha da Costa, Cruz Filipe. Mas sobretudo Picasso que assina «Mademoiselles d'Avignon» como o exemplo «por excelência de uma pintura sem outro referente que a vontade soberana do pintor» (p. 189). A pintura moderna é lida por Eduardo Lourenço como uma atividade em fase terminal, em que pese, no caso do abstracionismo, o fardo de «arder na fogueira da pintura». O que faz de uma tela abstrata uma pintura? «É uma pequena fenda que nas grandes obras dada Abstração se alarga até deixar passar o homem inteiro e através da qual o real imaginariamente recusado vem brilhar com tanto mais eficácia quanto mais veementemente é a luta para o transfigura» (p. 16).

Outro texto de rara densidade, «O Nu do Século XX ou morte sem transfiguração», (p. 87-108) é um verdadeiro curso de pós-graduação sobre as implicações culturais inconscientes da assepsia erótica na expressão da nudez — são avaliadas as relações entre a história e a arte desde o Renascimento para fundamentar a ancoragem na pintura mo-

derna. Entre muitas cintilações cite-se: «A Humanidade Medieval só se despe no outro mundo. Condenado, expectante ou glorioso, o corpo humano nu não tem lugar no mundo visível senão como abolido» (p. 88). Pode-se lamentar, apenas, a precária ousadia do ensaio sobre a nudez — haveria, na certa, muito mais coisa a falar das reentrâncias, saliências e opacidade do tecido corporal expresso nas formas e cores através dos tempos. Mas isto espera (ou se compreende?) nesse Panovski luso que, embora tenha afirmado oralmente desconhecer Benjamin, trilha pegadas (ou «passagens») em que se reconhecem mais traços germânicos que franceses, (o autor vive na França há mais de duas décadas).

O Espelho Imaginário, em certa conta, é o oposto do Pessoa Revi-

sitado (segundo o autor, escrito em 23 dias). A diferença reside no objeto em questão: o texto poético lida com idéias e imagens; a pintura lida com formas. Eduardo Lourenço dá-lhes uma veste conceptual, sua leitura ultrapassa a paráfrase descritiva e se instaura como debate e insistência na dúvida.

A mancha no exemplar autografado é ela mesma signo-fetichismo da magia que o livro provoca a quem se lança a sua fruição. Ou promessa de que as re-leituras serão muitas.

1. LOURENÇO, Eduardo. O Espelho Imaginário, pintura anti-pintura não-pintura. Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1981.

Edgard Pereira